

# Mata Atlântica tem um antibiótico natural

Microorganismo que vive em árvore tropical impede reprodução de duas bactérias nocivas ao homem

Jorge William

Tina Vieira

• Um fungo que vive numa árvore típica da Mata Atlântica, o cajá-mirim, pode dar origem a um antibiótico contra duas bactérias nocivas: a *Escherichia coli* e a *Staphylococcus aureus*, causadoras de infecções no trato urinário, intestino, diarreia e até septicemia. A descoberta foi feita pela pesquisadora Kátia Rodrigues, chefe do Departamento de Micologia da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Ela identificou e isolou numerosas espécies de fungos que vivem no cajá-mirim e testou a atividade terapêutica de três delas sobre 14 tipos de bactérias. O melhor resultado obtido foi o do fungo conhecido como guinárdia, cuja ação sobre as duas bactérias foi surpreendente.

— Até hoje, não se tinha identificado nenhum fungo que tivesse atividade biológica sobre essas duas bactérias ao mesmo tempo. A descoberta pode levar ao desenvolvimento de um novo antibiótico que combata os microrganismos — disse Kátia, que apresentará seu estudo amanhã no II Congresso Brasileiro de Micologia, no Rio.

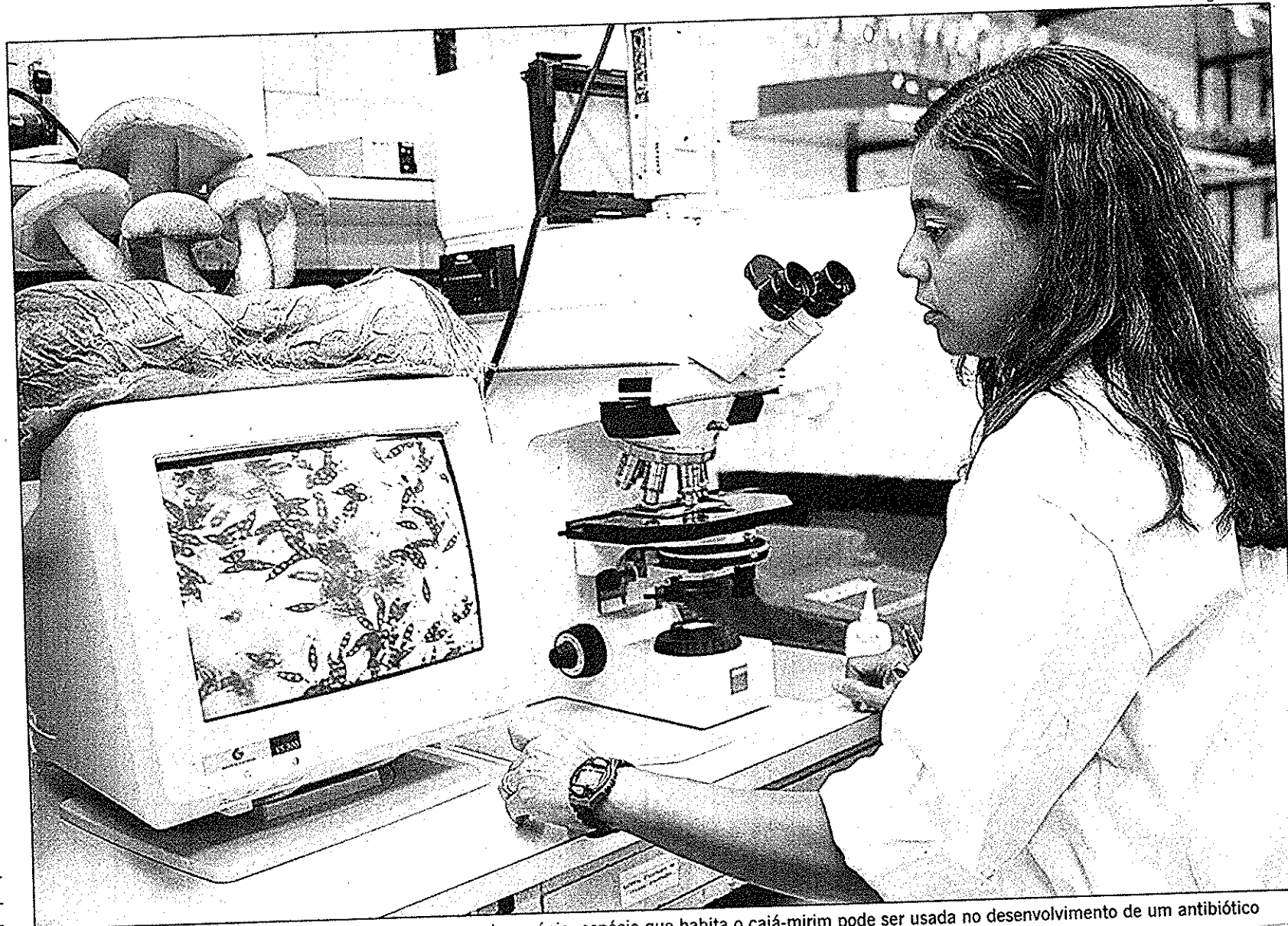
## Estudo mostrará qual a dose necessária para matar bactérias

Antes de começar a produzir uma droga, no entanto, a pesquisadora terá que voltar ao laboratório da Escola Politécnica de Zurich — onde foi realizada parte do trabalho — para aprofundar o estudo. Falta descobrir qual a concentração mínima de fungo necessária para o combate das duas espécies de bactérias.

O isolamento do guinárdia só foi possível graças à dedicação de Kátia à identificação de fungos que habitam plantas medicinais da Mata Atlântica. Quando começou a estudar o cajá-mirim, a pesquisadora isolou numerosas espécies de fungos que parasitam a árvore. Depois, escolheu as três mais abundantes.

No laboratório, ficou provado que o guinárdia inibe a reprodução das bactérias *Escherichia coli* e *Staphylococcus aureus*. Com isso, ela deu o primeiro passo para o desenvolvimento de um antibiótico mais eficaz. Os que existem hoje não têm mais surtido o efeito desejado porque surgiram muitas linhagens de bactérias resistentes a drogas.

— As outras duas espécies de fungos testadas também demonstraram atividade biológica, mas sobre outros fungos, de importância restrita — disse Kátia. ■



A PESQUISADORA KÁTIA Rodrigues observa fungos no microscópio: espécie que habita o cajá-mirim pode ser usada no desenvolvimento de um antibiótico

11 18 de lobo  
4/198 43